

## POR QUE PENSAR O ESPAÇO? É POSSÍVEL ESTAR SEM SER?

### WHY TO THINK SPACE? IS IT POSSIBLE TO BE WITHOUT EXISTING?

Marise Gândara Lourenço<sup>1</sup>

**RESUMO:** propomos uma reflexão sobre a espacialidade ficcional, tendo como ponto de partida **O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários**, de Marisa Martins Gama-Khalil (2010). Ao adotar este procedimento, colocamos em evidência a importância do referido artigo como instrumento para impulsionar a verticalização dos estudos deste elemento narrativo, ao mesmo tempo em que nos possibilita investigar a relação espaço-tempo no espaço do real e ficcional. Trata-se de um diálogo entre textos que se rompe num *continuum*, mesmo que provisório, e que está em consonância com a noção de exotopia de Bakhtin (2006). Concepção esta que se pauta no caráter dialógico, possibilitando desnudar as diferenças e tensões entre os presentes textos e chegar a um melhor entendimento do **lugar teórico do espaço**. Ao longo de toda a escrita, apresentamos, gradativamente, respostas plausíveis (afirmativas ou interrogativas) para impulsionar o pensamento sobre a primeira parte do título deste artigo, que se configura na indagação: por que pensar o espaço? Ao final de nosso périplo teórico, percebemos que o fato de o homem criar coisas, objetos, gerar a si mesmo e ser finito, leva-nos a crer que o **estar** que é provisório e todo impregnado de incertezas é condição de **ser**.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço Ficcional; Tempo; Movimento; Estudos Literários.

**ABSTRACT:** we propose to discuss spatiality in fiction departing from **O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários** by Marisa Martins Gama-Khalil (2010). In proceeding that way we highlight the importance of that text as an instrument to propel the verticalization of the studies on this narrative element, enabling us at the same time to investigate the relation between space and time in both real and fictional spaces. Our proposal is constituted by a dialogue between texts that ruptures in a *continuum*, even if temporary, in consonance with the notion of exotopy by Bakhtin (2006). This concept sustains itself on the dialogical character, allowing us to reveal the differences and tensions between the texts under discussion, that way achieving better understanding of the **theoretical position of space**. Throughout our writing we gradually present plausible answers (be them affirmative or interrogative) to propel thought towards the first section of our title, i.e.: why to think space? At the end of our theoretical periplus we perceive that the fact that man creates things and objects, that he generates himself while being finite leads us to interpret **being**, which is provisional and thoroughly pervaded by uncertainties, as the condition of **existing**.

**KEYWORDS:** fictional Space; Time; Movement; Literary Studies.

Com o objetivo de, pelo menos, esboçar uma tentativa de fazer jus ao título que escolhemos ou, possivelmente, levar a sério o seu teor investigativo a ponto de conseguirmos completar o seu sentido com respostas plausíveis (afirmativas ou interrogativas), tomamos como referência-chave **O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários** de Marisa Martins Gama-Khalil (2010). Texto que se abre no branco do papel (virtual ou não) se sobrepondo a este, porque também é corpo, portanto,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia (bolsista da CAPES), marisegandara@hotmail.com

espaço, que se concretiza por conexões fraseológicas, resultando em uma unidade de sentido dentro do contexto de produção científica.

Porém, vale ressaltar que essa sobreposição se concretiza no diálogo que se rompe num *continuum*, mesmo que provisório, e se fixa por meio do uso do espaço da teoria, possibilitando um melhor entendimento do **lugar teórico do espaço**. Estando, assim, em consonância com a noção de exotopia, de Bakhtin (2006), acerca das ciências humanas, que se pauta, na realização de uma pesquisa, que não se caracteriza por ter qualquer tipo de fusão entre os dois pontos de vista (o do pesquisado e o do pesquisador), mas por se estabelecer pelo caráter dialógico, que desnuda as diferenças e tensões entre eles. Sem contar que o espaço, nesta teoria, é a dimensão que propicia escrever, deixar marcas e a existência de dois sujeitos distintos: “o daquele que vive no instante e no puro devir e o daquele que lhe empresta um suplemento de visão por estar justamente de fora.” (AMORIM, 2006, p. 101).

Apresentada a nossa proposta, iniciamos o nosso traçado, lançando mão do comentário de Gama-Khalil (2010) a respeito da linguagem como elemento essencial da Literatura, pautado nos pressupostos de Foucault: embora a linguagem seja temporal, o seu ser é espacial, “restitui o tempo em si mesma, pois ela é escrita.” (FOUCAULT *apud* GAMA-KHALIL, 2010, p. 216). Isto porque “de modo geral, só há signos significantes, com seu significado, por leis de **substituição**, de **combinação** de elementos” e “o que permite a um signo ser signo não é o tempo, mas o espaço.” (FOUCAULT *apud* GAMA-KHALIL, 2010, p. 227, 228, grifo nosso).

Assim, por acreditarmos na coerência dessas ideias, propomos deixar soar ainda mais as palavras **sobreposição** e **conexões**, **substituição** e **combinação**, simplesmente, repetindo-as, aqui, para, depois, retomá-las e também arriscar uma interrogativa na busca de mais sustentabilidade para a proposição de que a linguagem é mais espacial que temporal. Mas o fato de a linguagem ser escrita (ser espaço, corpo) não é condição primeira para acontecer, **estar**, ser tempo?

Continuando no mesmo lugar (o desta escrita), entramos, novamente, no de Gama-Khalil (2010) que se inicia com exemplos literários nos quais o espaço tem grande relevância, é o principal elemento constitutivo, ou seja, ele é quem gera os efeitos de sentido nas obras. Segundo a autora, ao utilizar o procedimento de tomá-los como imagens, estas sugerem o propósito do seu artigo. Porém, terminada a nossa leitura, constatamos que não só sugerem, mas também potencializam os seus argumentos sobre a importância do espaço como elemento ficcional e que, por consequência, acreditamos que possa expandir a possibilidade de impulsionar a crítica literária a adotar uma postura

mais verticalizada quanto aos estudos do espaço. Isto porque a razão de ser dos Estudos Literários é a vivência de seu próprio objeto.

O périplo se principia com as seguintes narrativas: **A terceira margem**, de Guimarães (1962) e **A jangada de pedra** e **Objeto quase**, de Saramago (1988, 1998); **Dom Quixote**, de Cervantes (1978) e **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos (1998); e **O alienista**, de Machado de Assis (1981) e **O cortiço**, de Aluísio de Azevedo (1993).

A viagem tem um novo impulso com a exposição da teoria de Foucault sobre a linguagem e a literatura parafraseada, aqui, no presente texto, no terceiro parágrafo, tendo como foco o próprio texto-referência no qual tal exposição tem um objetivo diverso do nosso: entender o porquê da preferência da crítica literária ter dirigido, por tantos anos, seu olhar à Literatura vinculado ao tempo. Assim, no decorrer de seu escrito, Gama-Khalil (2010) retoma esse filósofo para reforçar a importância de considerar o espaço como elemento ficcional nos Estudos Literários, mostrando as particularidades da linguagem literária, ou para discorrer sobre seus pressupostos voltados para a questão da espacialidade. Da mesma forma, a sua escrita se comporta no que diz respeito a Barthes. Tudo leva a crer que a razão disto é a consistência dessas posições teóricas em relação ao tema do artigo.

Barthes (2007) concebe as espacialidades de uma narrativa literária não como acessório, “mas como potencialidades que podem descortinar ideologias sendo revistas, desmascaradas, problematizadas” e a relação do espaço com os outros elementos ficcionais (personagens, tempo e narrador) não é apenas funcional, “mas também semântica, ou seja, da ordem dos sentidos gerados pelo espaço, independentemente da forma como o espaço é disposto discursivamente.” (GAMA-KHALIL, 2010, p. 222, 223). Já Foucault estrutura sua rede de estudos, tendo como objeto o **sujeito**, mas com a utilização do espaço como metodologia:

[...] somente a partir do olhar sobre os posicionamentos e as espacialidades podemos conhecer melhor os sujeitos e as suas linguagens, dentre elas a literária. E, numa perspectiva foucaultiana, conhecer é “também uma questão de localização, de colocação em um dado lugar, da abertura de um dado espaço para o pensamento.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR; VEIGA-NETO; SOUZA FILHO *apud* GAMA-KHALIL, 2010, p. 217).

Ao refletir sobre as ideias de Barthes (2007, 2004) e Foucault (1968, 1999, 2000, 1995, 2001) inscritas nas obras, **Aula**, **O rumor da língua**, **As palavras e as coisas**, **Microfísica do poder**, **Foucault: a filosofia e a literatura**, **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**, e **Ditos & Escritos III**, a

pesquisadora constrói a sua rede argumentativa, contrapondo-as a textos que têm uma postura deficitária quanto às espacialidades narrativas. Nestes, o espaço é tratado como mera descrição ou em oposição ao fluxo narrativo ou marginalizado ao ponto de ser concebido como apenas escravo dos outros elementos ficcionais. Assim, Gama-Khalil (2010) inicia o contraponto, descrevendo as particularidades de diversos trabalhos, entre os quais citamos alguns, dando maior relevo para o de Vitor Manoel de Aguiar e Silva (1988). Isto, pela gravidade da situação, pois o seu manual não foi só lido por grande parte de professores de Literatura que atuam academicamente, mas também, provavelmente, por estudantes da área da Letras.

Em sua *Teoria da Literatura*, Aguiar e Silva (1988) dedica um dos capítulos ao romance, no qual aborda, de forma ampla, os seus constituintes como a personagem, o narrador e o tempo, mas renega a questão da espacialidade a uma seção que recebe o nome de **A descrição**. Apenas com este título já se pode perceber o lugar marginal que as espacialidades narrativas ocupam em seu trabalho, uma vez que a descrição abrange outros elementos narrativos, como a função de apresentar detalhes sobre as personagens. Em seguida, Gama-Khalil (2010) pormenoriza as obras de Philippe Hamon (1976), *Categorias da narrativa* que também trata o espaço como mera descrição, pelo fato de seu trabalho ter foco em pesquisas acerca do realismo e verossimilhança. O mesmo faz com relação aos textos *Narrar ou descrever?*, de Georg Lukács (1968), *Fronteiras da narrativa*, de Gérard Genette e *As categorias da narrativa literária*, de Todorov (1976).

Ao realizar essa contraposição entre concepções díspares, acreditamos que propicia uma análise crítica consistente sobre o assunto e não só atinge, com grande maestria, o seu objetivo de escrita, mas também faz aguçar a curiosidade de nossos sentidos nos impulsionando a nos tornar tripulantes (como leitores e/ou pesquisadores) assíduos de viagens sobre estudos que abordam espacialidades literárias.

Porém, ao chegar a essas conclusões, uma pergunta ecoa em nossos ouvidos: não seria o momento de se estruturar um manual como o de Vitor Manoel de Aguiar e Silva com o mesmo título ou algo parecido, mas com uma postura atualizada no que diz respeito às espacialidades, devido à comprovada penetração que este tipo de trabalho tem no mercado? Acreditamos que, assim, um pesquisador iniciante teria uma visão coerente sobre os elementos narrativos, logo, em seus primeiros contatos com a área de Estudos Literários, uma vez que a tendência destes é sempre buscar uma visão condensada de determinado assunto para depois, se for o caso, aprofundar-se em leituras específicas.

Ainda sobre tais conclusões a respeito do trabalho de Marisa Martins Gama-Khalil (2010), podemos afirmar que estas são ratificadas, ao percebermos que a viagem em volta do continente ainda pouco valorizado, chamado espaço ficcional, também termina com uma obra literária de mesmo foco que as do início. Entretanto, desta vez, com a transcrição do texto em si – ***O fio da fábula***, de Borges (1999) – permitindo ao leitor atento uma vivência do que foi exposto teoricamente.

Procedendo desse modo, a Gama-Kalil (2010) corrobora e destaca a característica da Literatura como “linguagem que se dobra sobre si para, como diria Barthes, trapacear a língua, ou, como diriam os formalistas, para causar estranhamento.” (GAMA-KHALIL, 2010, p. 232). No final do espaço teórico, está Borges (1999) a apresentar o fio e o labirinto, mas eles se perdem no caminho do ato narrar, restando apenas, segundo o narrador, o nosso belo dever de imaginar, como leitores, que há um labirinto e um fio.

Como preparação para o desfecho da fábula, acontece o seguinte: Teseu não podia saber que, do outro lado do labirinto em que estava, encontrava-se outro, o provisório, o que está, mas não é, o tempo. E pelo que entendemos, nesse labirinto, por sua vez, existia, em um lugar prefixado, outro mito, o de Medeia. O que desencadeia em nós as seguintes indagações: um lado e outro, um labirinto concreto, espaço estriado (segundo a teoria de Deleuze (1995)) que está para outro que é, ao mesmo tempo, abstrato/concreto, um entre-lugar ou um estado das coisas? No centro do labirinto-primeiro (no qual o fio pode marcar potencializar o estriado ou deslizar em si mesmo, ser liso), está um mito (a razão da existência deste labirinto), que está para outro mito em lugar indeterminado, mas prefixado e que devido a essa relação se perdeu o labirinto? E mais: são as coisas que deslizam no tempo como peregrino (espaço liso) ou é o tempo que desliza nas coisas, marcando a superfície de tudo com seu jeito liso, escorregadio de ser, mas que enrugam, murcha, troca de cor até chegar a da morte?

A partir do texto de Borges (1999), que é ficcional, uma coisa fica clara: espaços têm como característica o fato de se combinarem, fazer conexões, subtrair elementos, sobrepondo-se, justapondo-se, relacionando-se como pontos que integram uma rede e se entrecruzam em uma trama. Percepção nossa que dialoga com os dizeres de Foucault (2001) ao comparar o foco do pensamento humano dos séculos XIX e XX:

A grande mania que obcecou o século XIX foi, como se sabe, a história: temas do desenvolvimento e da estagnação, temas da crise e do ciclo, temas da acumulação do passado, grande sobrecarga de mortos, resfriamento ameaçador do mundo. É no segundo princípio de termodinâmica que o século XIX encontrou o essencial dos seus recursos mitológicos. A época atual seria talvez de preferência a época do espaço.

Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2001, p. 411).

Além disso, não é por acaso que o tempo é tomado como espacialidade em Borges (1999), mesmo considerando a sua abstração e a concretude do termo **labirinto**. Isto porque todo acontecimento (a extinção de determinados animais, o terrorismo, a peste negra, a instauração da democracia etc.) ocorre em um determinado espaço, regido por relações de poder como bem explicita Foucault em seus estudos. Mesmo a História como ciência, que estuda o homem **no espaço e tempo**, só se concretiza como tal porque se registra em forma de texto, portanto, tem natureza espacial.

Outro exemplo que podemos citar devido à sua importância como conceito no mundo acadêmico, é a concepção de **acontecimento** de Deleuze, composta pelo espaço, pela profundidade física, pelas coisas. Ele tomou como referência a concepção dos estoicos que consideravam o presente, passado e futuro não como três partes da mesma temporalidade, mas, sim, duas leituras simultâneas de tempo, nas quais cada uma completa e exclui a outra. “Só o presente existe no tempo e reúne, absorve o passado e o futuro, mas só o passado e o futuro insistem no tempo e dividem ao infinito cada presente.” (DELEUZE, 1998, p. 6).

O presente é visto como algo limitado, que mede as ações dos corpos como causas e o estado de suas misturas em profundidade (*Cronos*), enquanto que o passado e futuro são ilimitados e se atêm à superfície dos acontecimentos incorporais como efeitos (*Aiôn*). O diferencial dos estoicos está no fato de mostrarem a necessidade das duas leituras e sua exclusão recíproca, além de terem definido uma linha de separação entre a **profundidade física e superfície metafísica**, entre **as coisas e os acontecimentos**.

É nessa concepção de tempo que se pauta o conceito de acontecimento em Deleuze. *Cronos*, o tempo dos corpos-a-corpos, das misturas, das causas, das ações e paixões, das almas e corpos, e *Aiôn*, o dos acontecimentos imateriais, incorporais, invisíveis (pura reserva), movimentos infinitos e infinitivos, resultantes das interações e que se exprimem por meio de proposições. São verbos infinitos, puros devires.

O infinitivo exprime imediatamente o sentido-acontecimento como movimento virtual absoluto que excede os modos e os tempos. Ele não é um modo especial de tempo como Cronos, ou tempo considerado <<em abstracto>>, mas Aiôn como tempo paradoxal do sentido-acontecimento,

entre-tempo não pulsável, simultaneamente passado e futuro, já-aí e ainda-não, <<instante>> inextenso infinitamente subdividindo cada presente nas duas direcções opostas. (DIAS, 1995, p. 101,102).

Se *Aion* e *Cronos* são duas leituras simultâneas de tempo, complementares e excludentes, nada garante então que, durante algumas interações, não ocorram estados de corpo simultâneos ao já-aí e ainda-não, sem contar que o próprio homem é o entre-ser, **o meio** no modo de ver deuleziano. As duas leituras de tempo não seriam apenas formas de buscar um entendimento didático, linear da dinâmica complexidade do mundo do homem, sua efemeridade e incompletude? O *Fio da fábula* de Borges (1999), não explicando coisa alguma, pois explicar não é o seu papel, não é mais eficiente quanto ao entendimento da natureza humana, ao seu ser e estar no mundo?

Não desmerecendo o trabalho de Deleuze, principalmente no que diz respeito às duas leituras de tempo, mas podemos afirmar que ele, como um homem do século XX, que considera o corpo, o ser como **tempo** contraria, no mínimo, o prognóstico de Foucault de que este século seria o momento do foco do pensamento humano voltado para a questão da espacialidade. Então, não seria o caso de também criarmos uma teoria da espacialidade composta por duas leituras simultâneas de espaço, mas sem ser excludentes e que englobasse a questão temporal?

Uma concepção de espaço que dialogasse com os pontos de vista de Foucault sobre esse assunto e com a exotopia de Bakhtin (2006), mas que fosse voltada para o homem como construtor/descobridor de conhecimentos e não apenas para algo específico como artista ou pesquisador? Isso teria de alguma utilidade para os Estudos Literários?

Assim, retomamos a ideia de que os espaços se relacionam como também pensava Foucault: suponhamos que só exista uma dimensão, o ponto. Então, imaginemos que olhássemos de longe um ponto e à medida que nosso olhar se aproximasse dele, poderíamos ver que se trata de uma galáxia. Dentro dessa galáxia, escolheríamos um ponto no qual, ao adotar o mesmo procedimento, poderíamos ver o sistema solar. Do sistema solar, repetindo este processo, sucessivamente, veríamos a Terra, depois uma cidade (um espaço construído, por exemplo), uma região desse lugar, uma casa, um homem, uma célula, seu núcleo, uma molécula, seu núcleo, um átomo. Ou poderíamos fazer o trajeto ao inverso, limitando o percurso do átomo ao homem (por exemplo) da seguinte forma: um átomo que se relaciona com átomos gera uma molécula que em suas relações geram as células, estas os tecidos, estes o homem que se

relaciona com outro de sua espécie, gerando outro. Trapaceando, desse modo, a quantidade limitada de movimentos determinada pela sua natureza de **ser** homo sapiens.

Com os pés fincados na Terra, pulsa, move-se em um *continuum* de gerações, à medida que este planeta também se move, possibilitando o escuro e o claro, que denominaram de noite e o dia e que, depois, resolveram fracionar numa matemática, no mínimo, inexata de hora, minutos, segundo, milésimos de segundos. O tempo não seria uma construção do homem para nos enquadrar na ilusão de que pode adequar o movimento da Terra, de um ser pulsante, a medidores precisos chamados de relógios atômicos – máquinas que são movimentos também? O que é mais absurdo? A defasagem de um segundo como a que aconteceu em 30 de junho de 2015 ou pessoas considerarem isso inaceitável?

Voltando ao nosso percurso: poderíamos realizar nossa viagem do homem que se relaciona com seu mundo interior e exterior. Com os da sua espécie ou não, com espaço natural, objetos e coisas, com espaços criados como as áreas do conhecimento e as artes (Música, Literatura, Teatro, Dança, Artes visuais, Cinema), todas espaciais. Enfim, espaços em relações.

Dessa maneira, na busca de maior sustentabilidade a tudo isso, retornamos ao início, ao ponto como uma única dimensão possível e que abrange todas as outras e afirmamos: as coordenadas geográficas têm a função de localizar cada ponto na superfície da Terra. São linhas imaginárias traçadas horizontal e verticalmente (latitude e longitude) cujo princípio utilizado é a gradação, na qual um grau (uma das 360 partes em que pode ser dividida a terra) divide-se em 60 minutos e cada minuto, por sua vez, pode ser dividido em 60 segundos. Linhas que se cruzam, encontrando-se em determinados pontos, produzindo estriamentos espaciais (graus) sucessivos associados ao tempo. Tempo que é coadjuvante dessas espacialidades porque não são fixas, são móveis?

Entendemos que não há como dissociar na prática o tempo do espaço. Contudo, se se coloca em questão a preeminência de um sobre outro, ela deve ser conferida ao espaço, já que o tempo é concretizado no espaço. Apreendemos a passagem do tempo numa folha de papel pelo amarelecimento da mesma, isto é, o tempo encontra-se concretizado na materialidade de um espaço. (GAMA-KHALIL, 2010, p. 228).

Em se tratando de Literatura, o amarelo pode ser símbolo de tradição, é permanência, ser. Tipo de linguagem que mesmo no momento criador e derradeiro é espacial. Porque quem cria se relaciona com toda a sua coleção de memórias e conhecimentos (espaços). Sem contar que criar não é um processo linear. Requer fazer



conexões, ir e voltar, substituir, inventar outros caminhos de dizer a mesma coisa de outra forma, por exemplo. Quanto ao derradeiro momento da existência de tal texto, ele é do **aqui**, jaz: quando no papel, é do amarelo ao pó (do pó ao pó) e, quando no virtual, é do espaço do nada de um objeto denominado computador.

Por fim, só nos resta perguntar: quantos fios são necessários para definirmos o **lugar teórico do espaço**, sendo coerente com a noção exotopia de Bakhtin?

Nesse mundo girante, o homem cria coisas, objetos, conhecimento, gera a si mesmo e por ser espaço que produz espaços e se extingue, leva-nos a concluir que **estar** que é provisório, impregnado de puras incertezas, é condição de **ser**. O tempo é o mundo? Não. O mundo que é o tempo. O mundo, simplesmente, gira, gira e continuamos a nos aprofundar nesta abstração humana chamada tempo. E se, em função de tudo isto, apenas nos resta imaginar que há um labirinto e um fio, como nos sugere Borges (1999)... E se ele é um espaço que cria outro, o da ficção (**O fio da fábula**)... Saímos deste lugar de escrita com a nítida certeza da coerência de se investir numa maior verticalização dos estudos sobre espacialidade ficcional e, obviamente, com um.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1988.

AMORIM, Marília. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1981.

AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. São Paulo: Moderna, 1993.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BARTHES, Roland. O efeito do real. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 181-198.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas III*. São Paulo: Globo, 1999.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS. Disponível em:

<[http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/coordenadas\\_geo/](http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaFisica/coordenadas_geo/)>. Acesso em: 14 jan. 2016.

- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DIAS, Sousa. *Lógica do acontecimento – Deleuze e a filosofia*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, 1968.
- FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault: a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 137-174.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: *Ditos & Escritos III- Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. *O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários*. *Revista da ANPOLL*. São Paulo, 28, p. 213-36, jul/dez 2010. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/166/179>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: BARTHES, Roland *et al. Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 255-274.
- HAMON, Philippe. O que é uma descrição?. In: ROSSUN-GUYON, Françoise Van; HAMON, Philippe; SALLENAVE, Daniele. *Categorias da narrativa*. Lisboa: Vega, 1976, p. 57-76.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? - uma contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e sobre o formalismo. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 47-99.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.
- SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SARAMAGO, José. *Objeto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland *et al. Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 209-254.

Recebido em 25/03/2016  
Aprovado em 10/05/2016